

Ponte do Bragueto acomoda dez famílias de favelados

Há alguns meses, as famílias das irmãs Maria Lúcia Gonçalves Carvalho e Maria Aparecida Santos passaram fome para conseguir pagar o aluguel de barracos minúsculos no fundo de lotes em Sobradinho. Sem outra alternativa, a saída foi juntar o que tinham e mudar para uma área pública bem ao lado da ponte do Bragueto, na entrada do Lago Norte. Hoje, as irmãs, maridos e filhos moram em tendas cobertas com plástico, juntamente com outras oito famílias, que dividem os espaços da ponte.

As condições de vida são miseráveis e a forma de ganhar dinheiro encontrada pelas famílias que moram do mesmo lado da ponte com Maria Lúcia e Maria Aparecida mostra bem a situação subumana a que se submetem para conseguir sobreviver. "A gente vende boró pra barão", conta, sorrindo, a bela morena Maria Aparecida, de 19 anos e mãe das meninas Taiana e Taíara, de apenas dois meses.

Compreensiva com a surpresa de quem nunca ouviu falar de "boró para barão", Aparecida explica: "Borós" são as larvas produzi-

das a partir de restos de comida, colocados em latas ou bacias e "barão" é aquele freguês, considerado rico, que compra os bichos para servirem de isca em pescarias. O comércio pode parecer nojento, mas tem garantido um dinheirinho para compra de alimentos para as famílias.

Ao contrário do que muitos pensam, quase ninguém que vive no lugar foi morador da invasão da 110 Norte, destruída pelo GDF em 1987. Outra Maria Aparecida, que tem o sobrenome Paiva dos Santos, mora embaixo da ponte do Bragueto há três meses com o marido e dois filhos pequenos, o Jailson, de três anos, e um outro, de um ano e oito meses, ainda sem nome, mas que deverá se chamar Juscelino.

Maria deixou Juazeiro, na Bahia, porque seu marido, Vitalino da Conceição, achava que aqui poderia vender com mais facilidade as peças de artesanato que cria. A ilusão durou pouco e eles já planejam ir para a cidade baiana de Bonfim, onde mora a mãe de Maria e de lá seguir para Salvador. Ontem ela

estava feliz porque tinha o que comer.

Havia sido presenteada com cinco quilos de arroz, dois quilos de feijão e macarrão. Aparecida bem que gostaria de continuar em Brasília, se chegasse a receber um lugar para morar. Ela mantém esperança de que a visita de funcionários da Secretaria de Serviços Sociais para cadastramento resulte na doação de um lote. A esperança é compartilhada pelas famílias vizinhas.

O que Maria Lúcia e a irmã não admitem é voltar a pagar aluguel. O lixo também é uma fonte de alimentos para as famílias, mas remexer nos depósitos, sacos e latas com os restos deixados pela classe média pode ser uma missão cheia de riscos. Glaison Nascimento Carvalho, casado, pai de dois filhos e o mais antigo morador do lugar, onde vive há oito meses, já teve um revólver calibre 38 na nuca por revirar o lixo.

"O porteiro de um bloco ficou invocado comigo só porque eu queria pegar comida no depósito do prédio", conta.